



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**REFLEXÕES SOBRE O HUMANISMO MEDIEVAL A PARTIR DA  
CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA**

**Bolsista: Kelly Cristiane Mendes Alves**

**MANAUS  
2012**



**Bolsista: Kelly Cristiane Mendes Alves, FAPEAM**  
**Orientador: Prof. MSc. Pedro Rodolfo Fernandes da Silva**

**Relatório Final**

**PIB - H/0009/2011**

**REFLEXÕES SOBRE O HUMANISMO MEDIEVAL A PARTIR DA  
CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA**

Relatório Final apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, e órgãos de fomento, sob orientação do Prof. Pedro Rodolfo Fernandes da Silva.

**MANAUS**

**2012**

## **Reflexões sobre o humanismo medieval a partir das correspondências de Abelardo e Heloísa**

**Kelly Cristiane Mendes Alves<sup>1</sup>, Pedro Rodolfo Fernandes da Silva<sup>2</sup>**

Este resumo é resultante do projeto de pesquisa PIBIC/ FAPEAM/ UFAM: *Reflexões sobre o humanismo medieval a partir das correspondências de Abelardo e Heloísa*, que teve como objetivo investigar o sentido do humanismo medieval a partir de tais correspondências, as quais, por sua vez, muito além de retratar um romance entre os personagens, oferecem elementos especiais para a compreensão acerca do tipo de humanismo praticado no século XII. Como suporte de investigação tomou-se como base duas principais referências: a própria obra das correspondências e a clássica obra de Étienne Gilson, *Heloísa e Abelardo*. Utilizou-se ainda de obras histórico-filosóficas para a compreensão do contexto histórico-social vivido na época. Com base nas investigações, os resultados sugerem que o humanismo medieval do século XII é caracterizado pela preocupação com as questões morais próprias à época, dentre elas o pecado, o vício, a virtude e, sobretudo - no que se refere ao romance entre Abelardo e Heloísa - as concepções sobre o amor, as quais se caracterizam pelo amor ao saber, amor *philia* e amor a Deus.

**Palavras chaves:** Humanismo, Abelardo e Heloísa, século XII.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Filosofia da UFAM, bolsista de iniciação científica FAPEAM- PIBIC 2011/12

<sup>2</sup> Professor Mestre, ICHL/Departamento de Filosofia, UFAM.

## SUMÁRIO

1- RESUMO DO RELATÓRIO	03
2- INTRODUÇÃO	05
3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
4- DESENVOLVIMENTO	11
5- CONCLUSÕES	48
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
7- CRONOGRAMA	51



## INTRODUÇÃO

Este relatório decorre da investigação proposta no projeto de pesquisa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Amazonas, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por meio de concessão de bolsa de iniciação científica (Edital 001/2011 – DAP/PROPESP/UFAM). Tal relatório tem por finalidade apresentar os resultados finais da pesquisa desenvolvida do segundo semestre de 2011 até o primeiro semestre de 2012. Conforme já ressaltado anteriormente no relatório parcial, a aluna bolsista que iniciou a pesquisa solicitou sua substituição alegando motivos pessoais. Desse modo, a partir de setembro de 2011, a pesquisa foi assumida e desenvolvida pela discente Kelly Cristiane Mendes Alves, sob a orientação do Prof. Msc. Pedro Rodolfo Fernandes da Silva.

Assim, o presente estudo aqui relatado versou sobre o renascimento no século XII que, segundo o clássico estudo de Charles Homer Haskins, foi um grande processo de renovações e mudanças dos quadros sociais, científicos, intelectuais e artísticos do Ocidente latino cristão. A expansão do feudalismo nessa época trouxe consigo uma paz desconhecida até aquele momento na Europa Ocidental. Os homens – após um longo período de vida errante, entremeados por lutas, guerras e conflitos internos e externos –

deixam de ser nômades para fixarem raízes, constituírem família, desenvolverem outras habilidades diferentes daquelas requeridas pela vida bárbara que levavam no dorso de um cavalo. É em meio a essas transformações que Abelardo e Heloísa são algozes e, a um só tempo, vítimas de um amor que emerge em meio aos conflitos deste século e para o qual se destinam sem nenhuma ideia do que viria a acontecer. Entretanto, ambos estão confinados a amar um ao outro ainda que seja sobre a face de Deus. E isso é possível constatar através de três cartas, de caráter impessoal, que eles trocaram entre si.

Assim, o romance de Heloísa e Abelardo, legado pela troca epistolar, possibilita uma análise dos elementos constitutivos daquilo que Gilson denominou humanismo medieval, pois à medida que se investiga os elementos morais, antropológicos e teológicos presentes nas cartas trocadas pelos amantes, adentra-se no universo conceitual destes pensadores que vivendo intensamente a virtude do amor e o vício da vaidade, refletiram filosoficamente sobre a pergunta: o que é o homem? Também pode-se observar, com as investigações, os elementos de amizade, sexualidade, da ideia que Heloísa tem de religião, de vida monástica, enfim todos esses elementos que indicam a opção de Abelardo e Heloísa pela vida humanística.

Constituem esse relatório os seguintes elementos: 1) o resumo do relatório; 2) a presente introdução 3) a fundamentação teórica na qual se apresentam as categorias e os autores que norteiam a pesquisa; 4) o desenvolvimento, o qual se apresenta dividido em três capítulos: no primeiro constam, de modo sumário, as cartas de Abelardo e Heloísa; no segundo analisa-se o humanismo medieval em comparação com o humanismo renascentista; e o terceiro é composto pela análise dos elementos constitutivos do humanismo medieval; 5) considerações finais; 6) referências bibliográficas; 7) cronograma.

O Objetivo geral dessa pesquisa é investigar o sentido do humanismo medieval a partir da correspondência de Abelardo e Heloísa, e os objetivos específicos são os seguintes: 1) identificar os elementos constitutivos do humanismo medieval; 2) analisar as cartas de Abelardo e Heloísa; e 3) compreender o contexto histórico-social do século XII. Portanto, objetiva-se investigar pela leitura e análise das correspondências de Abelardo e Heloísa o tipo e os elementos constitutivos do humanismo medieval no século XII.

Com relação à metodologia da pesquisa, essa possui um caráter qualitativo de cunho bibliográfico que analisará o conceito de humanismo medieval, sobretudo na correspondência de Abelardo e Heloísa.

O estudo foi realizado no Campus da Universidade Federal do Amazonas, por meio das orientações semanais do professor orientador. No estágio inicial da pesquisa, foi lida e fichada a obra “Correspondências de Abelardo e Heloísa”; em seguida estudou-se o contexto histórico-social vivido no século XII. E com isso, tendo analisado as cartas e conhecendo o período em que se insere a história de Abelardo e Heloísa, voltou-se a obra das correspondências e identificou-se nela os elementos que constitui o humanismo medieval, enfatizando as várias formas de amor presente nas cartas. Note-se ainda que para essa última fase da pesquisa utilizou-se do clássico estudo de Etienne Gilson, *Heloísa e Abelardo*.



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O período medieval possui momentos de renascimentos e de grande efervescência intelectual, como se pode afirmar com relação ao esforço empreendido por Calos Magno<sup>3</sup> para restaurar o saber e incrementar a instrução no seu reino, ou as transformações ocorridas no final do século XII e início do XIII com a chegada das traduções árabes de Aristóteles e o surgimento das universidades.

O século XII vivenciou uma espécie de humanismo moral que levou os pensadores medievais a pesquisarem entre os Filósofos Antigos quem é o homem, ou seja, o que caracteriza a condição e a essência humana, sem ignorar que tal pesquisa implicava necessariamente, para os medievais, em se perguntar pela salvação do homem, ou seja, o humanismo moral presente no século XII pressupunha compreender o ser humano para conhecer a natureza humana que se esperava salvar. Assim, não se trata de um humanismo nos moldes do Humanismo Renascentista do século XVI, segundo o qual o homem era o centro de toda a ciência (antropocentrismo). Antes, porém, os medievais buscavam conhecer o humano para saber seu lugar na criação e o modo como daria a sua salvação.

O tratamento acerca do humanismo no século XII remete às figuras de Abelardo e Heloísa porque tais personagens representam, do ponto de vista do humanismo medieval, um caso peculiar para análise. Tais personagens foram vítimas, por assim

---

<sup>3</sup> ABBAGNANO, 1970, p. 20.

dizer, de um amor que surge em meio aos conflitos daquele século e ao qual se dedicam sem nenhuma ideia do que viria a acontecer. Assim, ambos estão destinados a amar um ao outro ainda que seja contra a vontade de Deus. E isso é possível constatar através de três cartas, de caráter pessoal, que eles trocaram entre si. Portanto, essas correspondências parecem conter vários elementos que denotam a existência de certo tipo de humanismo, ou seja, nas cartas observa-se a preocupação dos autores com os temas relativos à vida moral (como a condenação, a salvação, o amor, o pecado, a condenação, a vida eterna, entre outros).

Acredita-se que o presente projeto possui relevância para a filosofia, pois desconhecer ou ignorar a Filosofia Medieval é ignorar as bases da modernidade no que se refere aos aspectos metafísicos, epistemológicos e políticos – seja pela relevância que o século XII representa para a História e a Literatura, pois a obra que constitui o objeto principal desse trabalho possibilita a compreensão do retrato de uma época e a análise de um estilo literário, seja por propor uma reflexão acerca do humanismo que assume características significativas para as pesquisas nessa área, em se tratando do humanismo cristão. Em ambos os casos, uma reflexão sobre o humanismo cristão em Abelardo e Heloisa interessa tanto aos círculos de discussão filosófica quanto para o conhecimento da história do humanismo.

Assim sendo, salienta-se que a pesquisa sobre o Humanismo Medieval a partir da correspondência de Abelardo e Heloísa, possui como objeto principal a obra que traz a coletânea de cartas trocadas pelos amantes, e como referência as seguintes obras de Étienne Gilson:

GILSON, Étienne. **Heloísa e Abelardo**. Tradução Henrique Ré. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Philosophie Médiévale et Humanisme. Communication faite le 24 avril 1935, au Congrès Guillaume Budé, Nice. IN: GILSON, Etienne. **Héloïse et Abélard**. Études sur le Moyen Age et L'Humanisme. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1938.

Se a partir da segunda referência se lapida o conceito de humanismo medieval, a primeira, também de Gilson, trata-se da análise acerca da correspondência de Heloísa e Abelardo que oportuniza a discussão a respeito do aspecto ideológico que envolve toda a trama:

[...] Tal é o objeto próprio dos estudos que formam este volume, e diria de bom grado que ele será o pano de fundo ideológico da história de Heloísa e Abelardo, se, junto com as paixões simplesmente humanas que aí se desencadeiam, as convicções doutrinárias dos dois amantes não formassem, antes, sua estrutura. É, ao menos, o que creio e é também a única coisa que espero ter verdadeiramente demonstrado<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> GILSON, 2007, p. 24.

## DESENVOLVIMENTO

### Capítulo I

#### As correspondências de Abelardo e Heloísa

Anterior a história de amor entre Romeu e Julieta, o caso entre Abelardo e Heloísa ocorreu por volta do século XII. O envolvimento dos dois amantes é contado por meio da *Correspondência de Abelardo e Heloísa*, a qual apresenta cinco epístolas trocadas pelos famosos "amantes", as quais juntas, muito além de retratar o amor entre os dois, proporcionam um retrato de época.

#### 1.1 – Os autores

Abelardo (1079-1142) foi um filósofo escolástico francês, teólogo e grande lógico. É conhecido no mundo filosófico e dele se tem muitas referências, considerado um dos mais ousados e melhores pensadores do século XII. Foi o mais ilustre teólogo e filósofo de sua época.

Nasceu em 1079, na cidade de Le Pallet, perto de Nantes, França. Filho de uma família da pequena nobreza, destinado à carreira das armas por questão de tradição, escolheu, no entanto, a das letras. Estudou o *trivium*, isto é, o ensino da dialética, retórica e gramática. Em sua História das minhas Calamidades assim se refere:

[...] abandonei completamente a corte de Marte e me recolhi ao seio de Minerva. Preferia todas as disciplinas filosóficas, a dialética e seu arsenal: troquei assim por essas armas aquela da guerra e sacrifiquei os triunfos do combate aos da disputa [...]

Abelardo transferiu-se para Paris, onde em poucos anos tornou-se mestre em lógica, e abriu duas escolas: a primeira em Melun e a segunda em Corbeil, sempre nas proximidades de Paris. Em 1108 abriu sua terceira escola, desta vez em Paris e, seis anos depois, obteve a Cátedra de Teologia e Dialética em Notre Dame. Abelardo era destemido, talvez por essa sua fama, acumulou tantos inimigos e perseguidores; inimigos estes resultantes de sua postura intrépida frente a seus antigos mestres. A confiança em si que ele declara – *de me presumens*- leva-o a criticar o mais ilustre dos mestres parisienses, Guillaume de Champeaux.

Apesar das inimizades e perseguições, logo a sua habilidade como teólogo e filósofo tornou-o conhecido em toda a Europa, e suas ideias filosóficas geraram grandes polêmicas. Suas soluções teóricas eram extremamente radicais a ponto de ser condenado em dois concílios por formular ‘heresias’. Além de sua personalidade audaciosa, a profunda agitação doutrinal ensinada por Abelardo repercutiu também no modo de ensino que sofreu completa revolução. Com isso, romperam-se as formas de ensino da velha escola platônica, criando-se o embrião do que viria ser o ensino universitário, completamente diferente do das escolas existentes na época. Sua grande cultura e sua capacidade de usar a arte da discussão e do diálogo (dialética) atraíram, para Paris, jovens de todas as partes. Tornou-se conhecido por admirar os filósofos não-cristãos, numa época de forte poder da Igreja Católica.

Após lutar contra seus adversários, e tendo vencido todos, Abelardo conquista seu lugar e ocupa o cargo de professor de filosofia e teologia. Vêm então a fama, o sucesso, o reconhecimento e a luxúria. É quando conhece a jovem Heloísa, uma moça

de elogiada inteligência e rara beleza, sobrinha do cônego Fulberto, e Abelardo então passa a desejar e seduzir a jovem.

Em relação à Heloísa, nascida em 1101 em uma família que, ao contrário da de Abelardo, não era de origem nobre, esta possui uma história famosa, mas sempre vinculada a Abelardo. Mesmo tendo sido reconhecida sua inteligência e seu talento, não lhe foi dado o reconhecimento de ser humano independente daquele que fora outrora seu esposo. As correspondências que os companheiros de alma e de corpo deixaram, permitem conhecer mais um pouco dessa extraordinária mulher e de seu drama pessoal causado pelo envolvimento com uma das mentes mais célebres e respeitada que a Idade Média acolheu, e pela proibição desse relacionamento.

Sabe-se que a educação primorosa de Heloísa foi orientada e apoiada por seu tio Fulberto, que desempenhava função canônica na cidade e porque a amava com ternura, não mediu esforços para vê-la progredir nos estudos. Desse modo, investiu em seus estudos e buscou para ela sempre os melhores professores – o que propiciou a aproximação entre a jovem e Abelardo, o melhor professor de filosofia de Paris na época.

Mesmo antes de conhecer Abelardo, Heloísa já havia superado na intelectualidade muitas mulheres de seu tempo, tornando-se notável em toda França. Com 19 anos tornou-se aluna de uma das mentes mais brilhantes da filosofia ocidental. Apesar de sua pouca idade, rompeu com a moral e a tradição de seu século ao ter com seu mestre um relacionamento ilícito. Indo contra o dogma da virgindade e do casamento, renunciou seguir as regras em prol de seu desejo, abrindo espaço para todas as reprovações e castigos imagináveis. Heloísa passou a se dedicar ao estudo da filosofia, física, e lógica.

As cartas de Heloísa revelam uma mulher de personalidade forte que aceitou as

determinações de Abelardo por muito amor, mas que não perdia a oportunidade de debater a situação e confrontar-lhe. Até hoje é conhecida como amante de Abelardo apesar de sua trajetória independente e corajosa, e de toda influência que exerceu sobre Abelardo.

Em resumo, tem-se a figura de uma mulher determinada, de grandes qualidades intelectuais, que não se conteve com a condição que a sociedade medieval concedia às mulheres (acesso ao saber e a prática reflexiva, que eram reservadas apenas aos homens), que tentou se libertar daquela condição por meio do saber e da pesquisa.

## **1.2 - O Romance**

Após anos de luta contra seus perseguidores, resultante de sua postura intrépida perante seus antigos mestres, Abelardo vence seus adversários e conquista seu lugar como professor de filosofia e logo seu talento de teólogo se igualava ao de filósofo, e assim conquistou o lugar de teólogo, além de ser dirigente das escolas de Paris. Junto com as conquistas vieram também a fama, o reconhecimento e o prestígio. É no ápice da carreira, Abelardo com 39 anos aproximadamente, que conhece Heloísa uma moça bastante bonita que com a grande extensão de sua cultura, se tornava uma mulher excepcional. Antes de conhecê-la, Abelardo já tinha notícias de sua inteligência e conhecimentos literários e filosóficos.

O modo como Abelardo manifesta sua intenção em conquistar Heloísa é impressionante: fez-se apresentar a Fulberto, através de amigos comuns, os quais com o pretexto de que a casa de Fulberto ficava próxima da escola de Abelardo, propuseram-lhe tomar Abelardo como pensionista na casa do tutor de Heloísa, estreitando assim as relações que permitiriam a ele penetrar na vida da jovem. Fulberto em acesso de ingenuidade se mostrava muito preocupado em facilitar o progresso de sua sobrinha nas

belas-letas.

Abelardo conseguiu o que queria e descreve como o tio da jovem lhe deu todas as oportunidades para concretizar seus desejos de conquista:

Servindo ele próprio meu amor, confiou Heloísa à minha orientação soberana, pediu-me que consagrasse à sua instrução todos os instantes de liberdade que, de dia ou de noite, meu ensinamento me concedesse; se ela se mostrasse negligente, devia recorrer aos castigos mais violentos.<sup>5</sup>

A extrema ingenuidade de Fulberto causava admiração e ao mesmo tempo espanto a Abelardo que assim descreveu a situação: “[...] Confiar assim uma terna ovelha a um lobo esfamiado!”<sup>6</sup>

Fulberto não se dava conta dos perigos de uma convivência assídua na mesma casa, talvez porque para ele havia razões suficientes para afastar qualquer pensamento malicioso de sua mente, ora pela reputação de continência de Abelardo, ora pela afeição e confiança que nutria pela sobrinha.

Sob o pretexto de estudar, mestre e aluna entregavam-se ao amor e ao desejo, descrito em detalhes por Abelardo:

As lições nos propiciavam esses *tête-à-tête* secretos que o amor anseia. Os livros permaneciam abertos, mas o amor mais do que nossa leitura era o objeto de nossos diálogos; trocávamos mais beijos do que proposições sábias. Minhas mãos voltavam com mais frequência a seus seios do que a nossos livros. O amor mais frequentemente se buscava nos olhos de um e outro do que a atenção os dirigia sobre os textos.<sup>7</sup>

Tomado pela paixão, Abelardo chegou a negligenciar a filosofia, não encontrando mais tempo para as tarefas escolares, causando queixa de seus alunos. Ao contrário, Abelardo passou a sentir-se entediado e fatigado quando ministrava suas aulas; ele próprio reconhecia que eram frias e pouco aprofundadas, não falava mais

---

<sup>5</sup> ABELARDO, 2000, p. 40.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p.41.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*, p.41.



inspiradamente, mais produzia tudo de memória: “Eu me repetia. Se conseguia escrever qualquer peça em versos, me era ditado pelo amor, não pela filosofia.”<sup>8</sup> Todos já haviam percebido o estado tão manifesto de Abelardo, menos o tio de Heloísa que apesar de terem tentado por várias vezes inspirar-lhe alguma desconfiança, o cônego confiava na autoridade do mestre e mais ainda no seu dever de castidade, de modo que essa confiança o impedira de dar ouvidos a essas acusações. Conforme a carta de Abelardo, cumpria-se o dito de São Jerônimo em sua epístola a Sabiniano, que dizia:

Somos sempre os últimos a conhecer as chagas de nossa casa e, enquanto todos os vizinhos se riem dos vícios de nossos filhos, das nossas esposas, somente nós o ignoramos.<sup>9</sup>

Abelardo sabia que a notícia de seu envolvimento com Heloísa não tardaria para ser descoberto por Fulberto. Este, assim que soube do acontecido, foi tomado por tão grande tristeza e decepção que chegou a comover ao próprio Abelardo. A consequência do escândalo foi a tristeza e a vergonha que se abateram também sobre os amantes e disso resultou, por um tempo, na separação de ambos. Nesse ínterim, Heloísa percebendo-se grávida, imediatamente escreve uma carta ao amado, consultando-lhe sobre a conduta a tomar.

Assim que soube da gravidez de Heloísa, Abelardo aproveita a ausência de Fulberto e resolve raptar a amada e a envia para a casa da irmã dele, na Bretanha, onde nasce seu filho.

A fuga de sua sobrinha deixou Fulberto louco. O excesso de sua vergonha e a violência de sua dor faziam-no pensar de que maneira se vingaria daquele que roubara a honra de sua família. Abelardo, por sua vez, teve pena de sua aflição e o procurou, suplicando-lhe o seu perdão e submetendo-se a qualquer reparação que ele quisesse

---

<sup>8</sup> ABELARDO, 2000, p.42.

<sup>9</sup> JERÔNIMO, IN: ABELARDO, 2000, p.42.

exigir.

A este ponto, coloca-se a questão do matrimônio. Abelardo desposaria Heloísa com uma única condição: que o casamento fosse mantido em segredo, para não prejudicar sua reputação. Fulberto em sua concordância selou com um beijo a reconciliação que mais tarde viria a tomar outro rumo.

Abelardo voltou até Bretanha e trouxe Heloísa de volta, com a intenção de lhe tornar sua mulher, porém ela não aprovou seu projeto. Alegava duas razões para tentar dissuadir o amado da ideia do casamento: o perigo que corria, e a desonra que não deixaria de atrair contra ele mesmo. Heloísa tinha consciência que nenhuma reparação poderia compensar Fulberto pela traição sofrida. Ela repelia violentamente a ideia de uma união que causaria para Abelardo senão ignomínia e carga inútil, afirmando que preferia o título de amante ao de esposa, e o considerava mais honroso para seu amado. Preferia que estivessem ligados pela ternura e não pelo laço nupcial. No entanto, vendo que seus esforços para convencer e dissuadir Abelardo eram em vão, Heloísa submeteu-se, como sempre, a imposição do amado: sua vida só tem sentido para agradar seu amado.

O casamento acontece na calada da noite e na presença de Fulberto e de algumas testemunhas; após a benção nupcial cada um segue seu caminho, pois o objetivo era manter tudo em segredo. Contudo, Fulberto não mantém sua palavra e faz de tudo para divulgar a notícia do casamento, buscando limpar sua honra. Como Heloísa teimava em negar e em desmentir o tio perante todos, esta passou a ter problemas com Fulberto e a sofrer castigos dele.

Abelardo toma conhecimento dos maltratos que sua esposa passa a sofrer e, apiedando-se dela, planeja raptá-la e enviá-la para um lugar seguro. O refúgio que se fez possível foi a abadia de Argenteuil. Lá Abelardo fez Heloísa professar o voto

monástico, vestindo senão o véu das virgens, o hábito religioso que a faria morrer para o mundo.

Sentindo-se enganado pelo esposo da sobrinha e crendo que o filósofo pretendia se livrar dela, Fulberto põe em prática sua vingança e apoiado por alguns cúmplices, pune Abelardo da forma mais cruel e vergonhosa que poderia: cortou-lhe “a parte do corpo com a qual ele havia pecado”. Fulberto ao mesmo tempo em que lhe corta o membro viril, corta-lhe também a profissão, uma vez que todos os textos do Antigo Testamento proferem que Deus rejeita os eunucos.

Abelardo cai então na miséria e na vergonha. Resta-lhe apenas o consolo do ingresso na vida religiosa. Faz-se monge e ao impor o véu monástico a Heloísa, exige que ela, com menos de vinte anos, fizesse o mesmo e se tornasse sua irmã em Cristo.

Abelardo recolhe-se no convento em Saint-Denys e Heloísa em Argenteuil. Fugindo das diversas perseguições, ele segue para Champagne, onde funda o monastério do Paraclete, em 1120, o qual é obrigado depois a abandonar. Retorna novamente a Saint-Denys e logo depois é chamado para ser abade do convento bretanhense de Saint-Gildas de Rhuys, mergulhado em perdição e corrupção. Tenta em vão reformar o convento, e por isso sofre diversos ataques dos monges.

Em 1129, Heloísa é expulsa com suas companheiras de Argenteuil, seguindo para o convento beneditino Paraclete, propriedade doada por Abelardo às religiosas. Lá Heloísa dedica-se em ajudar as irmãs e a edificar o templo. Alguns anos depois Abelardo escreve *Historia Calamitatum* e obtém como resposta a primeira carta da correspondência que trocará com Heloísa.

### **1.3 - As cartas**

O romance teve sua origem a partir da narração de Abelardo em sua *Historia*

*Calamitatum* (Historia das minhas Calamidades) escrita provavelmente em 1132. A princípio, a carta era endereçada a um amigo que passava por provações, e Abelardo no intuito de confortá-lo, contou-lhe sobre suas tribulações, a fim de que esse quando comparasse suas provações às dele, pudesse recebê-las com mais tolerância. Abelardo começa a descrever desde seu nascimento até seu trágico envolvimento com Heloísa, que acabou por levá-lo a ruína.

Quanto à Heloísa é interessante esclarecer as características de suas cartas, que recordam por meio dos próprios ensinamentos filosóficos do amado, a paixão arrebatadora que os uniu.

Com relação à datação em que foram escritas e trocadas as cartas entre Abelardo e Heloísa, as datas mais prováveis são os anos de 1132 a 1137, já no convento começou a correspondência entre os dois amantes. Heloísa, ao tomar conhecimento da *Historia Calamitatum*, responde-lhe repreendendo-o por se descuidar daquelas que lhes são como filhas. Ela responde tanto em nome do Paraclete quanto dela mesma. Nas cartas, Heloísa demonstra consternação pelos problemas enfrentados por Abelardo.

## **2 – O resumo das cartas**

A coletânea de cartas comumente denominada *Correspondência de Abelardo e Heloísa* contém:

- A *Historia Calamitatum*, uma autobiografia de Abelardo, endereçada a um amigo, provavelmente escrita em 1132, quando Abelardo tinha cinquenta e três anos.
- Uma carta (*Consolatio*) de Heloísa enviada a Abelardo depois que esta tomou conhecimento da *Historia Calamitatum*.
- Uma série de três cartas (Abelardo a Heloísa, Heloísa a Abelardo,

Abelardo e Heloísa).

- Três cartas, de caráter impessoal, relativa á administração do Paraclete, do qual Heloísa havia se tornado abadessa.
- Por fim, uma regra proposta por Abelardo sobre a organização da vida das monjas, estas postas sobre a jurisdição de Heloísa.

## **2.1 - O conteúdo das cartas**

### ***Consolatio: de Heloísa a Abelardo***

Essa carta resulta do conhecimento que Heloísa tomou da correspondência de Abelardo endereçada a um amigo que passava por dificuldades (*Historia Calamitatum*). Assim, a abadessa do Paraclete então responde a Abelardo com paixão e fervor. Inicialmente ela retoma os assuntos contidos na *Historia Calamitatum* e exprime seus lamentos em razão das dificuldades e infortúnios narrados na carta. Heloísa solicita a Abelardo que não negligencie em lhe escrever frequentemente, colocando-a a par das alegrias ou tristezas que o atingiam e acrescenta que nenhum de seus inimigos poderia impedi-lo de fazer-se presente por esse meio.

Heloísa reclama de Abelardo o fato de que ele escreveu uma longa carta de consolo a um amigo e em relação àquelas que lhe eram como filhas, desleixou no devido cuidado. Heloísa usa o exemplo da palavra do apóstolo Paulo como argumento para mostrar a Abelardo que ele deve ter um cuidado frequente com sua obra, constituída por sua ex-amante e suas discípulas: "Eu plantei, Apolo regou, mas Deus fez

crescer.”<sup>10</sup>

Heloísa menciona os talentos de Abelardo capazes de seduzir o coração de uma mulher: o de fazer versos e o de cantar, estes que eram tão raros entre os filósofos, proporcionavam a Abelardo um repouso dos exercícios filosóficos. Graças a esses talentos, compôs melodias e ritmos amorosos cuja beleza poética e musical conheceu sucesso público e espalhou universalmente seu nome. E como a maior parte das canções compostas por Abelardo celebrava o amor entre os dois, logo o nome de Heloísa se espalhou por muitos lugares, suscitando contra ela invejas femininas.

Heloísa revela que seu pecado está na intenção de amar Abelardo e não no ato de amá-lo. A partir daí, a abadessa retoma a negligência de seu amado para com ela, perguntando-lhe do porquê de Abelardo privá-la da alegria de suas cartas. Ela sofria com a ideia de pensar que o que ligou Abelardo a ela fora apenas a concupiscência ao invés de uma feição verdadeira. E temia que a partir do dia em que os desejos carnis foram privados ao seu amado por conta da castração, a ternura fora também desfeita.

Já em estado de súplica, Heloísa solicita de Abelardo o objeto de seu pedido, alegando que a simples escrita de uma carta a acalmaria do sofrimento que sua ausência causava, e dessa forma, quando já estivesse provida desse conforto, poderia se entregar com mais zelo ao serviço divino, ao qual fora guiada não por vocação divina e sim unicamente por amor a Abelardo.

### **De Abelardo a Heloísa**

Abelardo, na abadia de Saint Gildas, atende a solicitação de Heloísa e responde-lhe, não com a mesma paixão e fervor com que Heloísa havia escrito a ele, e sim com

---

<sup>10</sup> 1 Cor 3,6.

uma paixão já contida e conformada com o rumo que a relação entre os dois amantes tomara.

Inicialmente, assume sua falta em não ter escrito à Heloísa desde quando ambos refugiaram-se na vida monástica. Entretanto, justifica-se alegando que seu silêncio não se deve à negligência e sim a grande confiança que possuía em relação à sabedoria de sua ex-amante, e acrescenta que não lhe passou pela mente que tais socorros lhe fossem necessários. Julgava as virtudes que Heloísa possuía suficientes para a direção de um convento, e dessa forma acreditava que seriam inúteis seus conselhos e exortações.

No entanto, a humildade de Heloísa pareceu diferente a Abelardo, uma vez que sentia necessidade de instruções escritas e de sua ajuda doutrinal. Assim, ele pede a Heloísa que lhe envie por meio de cartas as questões sobre as quais necessitava de orientação, que ele, por sua vez, responderia à medida que tivesse força para isso.

Abelardo avisa que o mais breve possível irá enviar a Heloísa o Livro dos Salmos, o qual ela solicitara, e a adverte de que tal livro servirá para que ela possa oferecer ao Senhor um sacrifício perpétuo de preces por todos os pecados cometidos por ele, e também preces pedindo proteção dos perigos que diariamente ameaçavam-no.

Abelardo declara a importância e o poder das preces dos fiéis, sobretudo das mulheres. E esclarece que conforme a palavra do apóstolo, deve-se rezar sem cessar, e de certa forma as preces tem o poder de colocar um freio à cólera do Senhor, podendo atenuar ou impedir o castigo aos pecadores na medida de suas faltas.

Abelardo dá exemplos de mulheres que rogaram incessantemente e com toda fé a Deus, e assim foram atendidas em suas orações. Com isso, solicita a Heloísa e a comunidade de irmãs, para que elas o ajudem, clamando ao Senhor para que o conserve vivo. Abelardo, ao fazer esse pedido, recorre não àquela que é sua irmã em Cristo e sim àquela que outrora fora sua mulher, e pede para que se lembre em suas orações daquele

que lhe pertenceu como esposo.

Abelardo encerra sua carta pedindo a Heloísa para que quando morto, seu corpo seja sepultado ao lado do mosteiro que fundou, o Paraclete, para que assim tendo a visão de sua tumba, suas irmãs em Cristo dediquem a Deus uma oferta mais abundante de preces. Desse modo, novamente requer de Heloísa que prove que realmente o ama.

### **De Heloísa a Abelardo**

Nessa correspondência que segue a troca epistolar, Heloísa inicia fazendo um comentário sobre a assinatura de Abelardo, que constava o nome dela precedido pelo dele. Heloísa demonstra espanto, afinal a justiça e as conveniências exigiam que ao escrever a pessoas inferiores em autoridade, dever-se-ia mencionar primeiramente o nome de quem é a autoridade, nesse caso primeiro o de Abelardo e, após, o de Heloísa.

A Abadessa do Paraclete demonstra insatisfação com a resposta de seu amado ao escrever que esperava por uma carta que lhe trouxesse consolações, e o que obteve foi uma carta que só aumentou a dor que sentia. Ela diz que caberia a Abelardo celebrar o funeral dela e das demais monjas, recomendar suas almas à Deus e pastorear o rebanho que foi preparado para Ele. Heloísa revela-se indignada pelo que foi escrito por Abelardo sobre sua possível morte e responde dizendo que ela e suas monjas não saberiam viver sem ele e ao invés de liberdade para rezar a Deus, elas não saberiam lidar com a tristeza e a cólera que as atingiria e assim irritariam o Criador.

A simples ideia de sua morte já era uma espécie de morte para aquelas que lhe eram como filhas. Heloísa pede para que ao menos ela, que um dia foi sua bem-amada, seja poupada de tais palavras que lhes eram como um punhal de morte.

Heloísa confessa que louvores eram rendidos à castidade dela; exaltada era a continência de seu corpo perante os homens, porém aos olhos de Deus, ela tinha ciência



de que não havia nenhum mérito. A abadessa era vista como piedosa, mas ao mesmo tempo criticava a religião, pois segundo seus conceitos a religião não era senão hipocrisia; fazia-se uma reputação de santidade a quem não perturbava os preceitos do mundo.

Ela declara à Abelardo um amor inimaginável supremo e irrestrito, acima do Deus a quem ela serve por obrigação do pedido do amado, unicamente como prova de amor incondicional. Por meio de suas palavras, Heloísa demonstra que sempre foi sua intenção agradar a Abelardo. Era a ele, mais do que a Deus, que ela temia ofender. Ao final de sua correspondência, Heloísa mostra-se contra os elogios que a ela eram dirigidos por Abelardo e suplica intensamente que esse não presuma muito dela.

## **CAPÍTULO II**

### **O humanismo medieval**

É geralmente aceito, entre os historiadores, que o Renascimento pode ser definido em oposição à Idade Média. Isso porque se entende que muitos homens no século XVI entraram numa nova era, ou se moveram das trevas para a luz. Foram introduzidas grandes mudanças nos costumes, na educação, na arte, na literatura e na ciência, as quais foram suficientes para impedir de se buscar o Renascimento na Idade Média.

O Renascimento se opõe a Idade Média como numa relação entre períodos opostos resultantes da composição de forças complexas que se mostram contra outro equilíbrio do mesmo gênero. É possível, no entanto, que certos elementos sejam comuns aos dois, embora difiram em alguma medida.

As profundas diferenças que distinguem esses dois períodos históricos não são suficientes, porém, para se imaginar que a Idade Média foi uma simples ausência de Renascimento, e nem para concluir que houve a presença de um sentimento dominante na época renascentista, e que assim a Idade Média não o fez saber.

O humanismo é geralmente entendido como o período que abrange os séculos XV e XVI. É comumente tomado como antítese do período que o antecedeu: o Medieval. Humanismo denota essencialmente a forma de cultura que implica no estudo da literatura clássica, grega e latina, o que equivale dizer que foi um movimento, acima de tudo, filológico. Contudo, essa definição de humanismo é apoiada por elementos exteriores que muitas vezes o complicam, uma vez que, se o humanismo é uma forma de cultura, seu único estudo científico deve ser por meio destas literaturas acrescidas do gosto pelo estudo e desejo do uso comum de um método de formação intelectual e moral<sup>11</sup>.

Por sua vez, o Humanismo Medieval não pode ser compreendido sem algum conhecimento do que foi o progresso geral das ideias no mundo cristão entre o século IX e XVI. O cristianismo sempre ensinou que a natureza está corrompida pelo pecado, mas a graça divina tem por objetivo restaurar o pleno direito da natureza alterada pelo pecado. Todos os pensadores da Idade Média concordam sobre este ponto, no entanto, diferem no que diz respeito ao modo como enfatizaram o papel da natureza ou da graça.

Segundo Gilson, a forma particular de humanismo que foi praticada na Idade Média foi o humanismo moral, e isso levou os pensadores cristãos a consultar os antigos para compreender o que é o homem. Os medievais necessitavam desses pensadores da Antiguidade Clássica, afinal, uma vez que eram cristãos, e colocavam a preocupação

---

<sup>11</sup> GILSON, 1935, p. 226.

com a salvação no centro de tudo, careciam de conhecimentos sobre essa natureza que precisavam salvar.

O autor do primeiro tratado moral da Idade Média foi Pedro Abelardo, com o título: *Scito te ipsum* (Conhece-te a ti mesmo). Para saber o que fazer, é necessário saber primeiro o que se é. E para conhecer a si mesmo, o que se deve fazer? Investigar com o auxílio daqueles que tem o domínio do estudo do ser humano, isto é, os Antigos. Esse tratado contribuiu poderosamente para subverter as condições acerca de um dos sacramentos essenciais do cristianismo: a penitência. Abelardo exprimiu e fortaleceu a tendência para inverter a atitude de que, para o homem da Alta Idade Média, o essencial na penitência era o pecado e, portanto, a punição.

O *Scito te ipsum* corresponde exatamente ao “conhece-te a ti mesmo” do místico: precisa-se, antes de qualquer coisa, considerar a si mesmo, pois será inútil considerar o resto das coisas e negligenciar a si. Por mais que seja sábio, sempre estará faltando algo em sua sabedoria se esta não ilumina sobre si, ou seja, qualquer coisa que não for construída por conta própria será como um monte de dispersão, uma poeira ao vento, será em vão. Deve-se primeiramente conhecer o que se é para depois tomar conhecimento sobre o resto das coisas.

### **A Idade Média no século XII**

O século XII ocupa um lugar proeminente na história da filosofia medieval, pois nele pode-se vislumbrar um renascimento que o torna único. O clássico estudo de Charles Homer Haskins apresenta um renascimento no século XII que indica um grande processo de renovações e mudanças dos quadros sociais, científicos, intelectuais e artísticos do Ocidente latino cristão.

Segundo Meirinhos<sup>12</sup>, a nomeação “renascimento” atribuída ao século XII, comparativamente à Renascença italiana, não revela, e até torna ambíguo, alguns aspectos próprios da situação do saber neste século. Neste período, são múltiplos os autores com contribuições filosóficas inovadoras, tanto do ponto de vista literário, quanto do ponto de vista doutrinal.

Em suma, pode-se dizer que o renascimento do século XII tem como característica a integração, em grande parte sob o augúrio da fé cristã, das novas fontes na tradição cultural existente.

No que diz respeito à organização social no século XII, essa fora vítima de graves e comuns problemas morais práticos, tal como a presença da violência e da corrupção no interior da sociedade e os problemas surgidos da punição legal. Além disso, havia nesse século certa preocupação com a formação moral da pessoa, no sentido da necessidade desta conhecer seu “eu moral”, e com a formulação de uma linguagem moral com a qual se pudesse estudar o caráter e a conduta humana.

O pensamento ético no século XII era promovido por professores de teologia, usualmente monges, e por professores e estudantes das artes liberais. Os professores de teologia abriam suas escolas nas quais enfatizavam o pecado, a virtude e a graça. As escolas de teologia de Anselmo de Laon (1117) e de Guilherme de Champeaux (1121), por exemplo, concebiam os homens como criaturas ignorantes, desordenadas sensualmente, presas ao pecado e necessitadas da graça. Os problemas da responsabilidade humana eram enredados nos problemas da queda do homem. Havia, contudo, um sentimento geral da importância da consciência como provedora de uma norma de moralidade subjetiva e de intenção; como fonte de moralidade, influenciaria o grau de mérito ou culpa concedido por Deus.

---

<sup>12</sup> MEIRINHOS, J. A Filosofia no Século XII: Renascimento e resistências, continuidade e renovação . Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/mirand9/meirin.htm>

## **Características do século XII**

A época Medieval - em toda a Europa, mas sobretudo na França - era caracterizada por um grande poder que a igreja católica exercia tanto na religião como na economia e na política. Esta época foi marcada por uma transição no desenvolvimento de novas escolas e novas ideias no modo de ensino das letras. As escolas concentravam-se nos centros urbanos do reino, nomeadamente em Laon, Reims, Chartres e Paris. Esta última era principalmente o centro dos mestres e alunos. Foi na escola de Notre-Dame que o filósofo Pedro Abelardo estudou e ensinou a maior parte da sua vida.

As escolas na Idade Média se localizavam na paróquia ou no mosteiro mais próximo. Existiam também as instituições particulares abertas por mestres que obtinham licença para ensinar. Os professores ministravam aos seus alunos noções de gramática, aritmética, geometria, música, teologia, algum estudo técnico no trabalho com o ouro, a prata e o cobre. Os mestres eram ajudados pelos mais velhos e pelos melhores alunos.

As universidades da época tinham características inteiramente eclesiásticas; eram criadas pelos Papas e todos os professores pertenciam a igreja, entre as quais destacavam-se duas ordens religiosas: os Dominicanos e os Franciscanos. Em geral, todos os alunos eram chamados de clérigos mesmo quando não se destinavam ao sacerdócio. Eram ensinadas teologia, todas as grandes disciplinas filosóficas e científicas, geometria, música, gramática e dialética.

Na Idade Média os alunos podiam ser mestres de filosofia, teologia direito ou artes, o que implicava um estudo do conjunto do conhecimento relativo ao homem, das ciências do espírito e das ciências do corpo e dos números que o regem.

Para este período da Idade Média nos é fornecida uma lista de fatores que permitem-nos compreender a posição e as mudanças que relativamente, diferenciam este período dos anteriores e dos posteriores. Abaixo apresenta-se algumas das principais mudanças experimentadas ao longo do século XII:<sup>13</sup>

- crescimento urbano e demográfico unido à autênticas revoluções na circulação e produção de bens, realizados nos domínios industrial, agrário e comercial, que tornaram a vida mais independente a uma certa parte populacional, que se encontrava em rápido estado de crescimento e que se ocupava da transmissão de saberes, como também dos estados nascentes e das burocracias eclesiásticas.

- aparecimento das novas formas de poder senhorial, real ou comum. Também não foram estranhas as reformas eclesiásticas e monásticas, que tinham a pretensão de consolidar e reafirmar a supremacia espiritual e temporal da igreja.

- modificações incorporadas nas formas da vida religiosa, de forma a assegurar sua superioridade moral, isso deu uma contribuição notável para a propagação e desenvolvimento do saber, este que continuava limitado aos diversos círculos da vida clerical.

- a instituição das escolas, que faz parte das necessidades e da estratégia de afirmação religiosa e simbólica da autoridade das canônicas claustrais e dos mosteiros recentemente fundados em meio urbano;

- revigoração das escolas (pessoais, claustrais, comunais e catedralícias) e da atividade literária em geral correspondente à redefinição sociológica dos privilégios e do lugar dos que ensinam e estudam.

---

<sup>13</sup> Cf. MEIRINHOS, J. **A Filosofia no Século XII**: renascimento, resistências, continuidade e renovação. Toda o parágrafo se baseia fortemente nessa referência.

- o poder simbólico das escolas fica bem expresso no percurso dos seus próprios mestres, cuja importância e fama os conduzem a lugares elevados da hierarquia eclesiástica.

- variadas inovações foram inseridas na difusão e fabricação dos livros, tornando-o mais reproduzível e acessível, no que diz respeito à condição financeira, dando dessa forma, origem a uma verdadeira indústria de cópia, localizada em centros monásticos e urbanos, o que conseqüentemente gera o crescimento das bibliotecas monacais.

- as alterações no conteúdo dos gostos e das artes plasmam-se nas novas construções e edificações, cuja maior criação passará a ser o estilo gótico; a arte da pintura que aparece em grande escala na ornamentação de livros, transmitindo assim um inédito e rico imaginário figurativo.

- a multiplicação de orientações das ciências faz entrar em crise os modelos habituais de organização do saber, que não continha a autonomia de disciplinas emergentes.

- a abertura do saber a novas janelas de domínios é movida pelas discussões que ocorrem no íntimo da tradição religiosa e intelectual latina, mas conta também com a extraordinária contribuição da ciência árabe e do ressurgimento da ciência grega, que fazem afluir os conteúdos do saber escolar através de novas traduções e tratados arabo-latinos ou greco-latinos.

Portanto, observa-se que o século XII se destacou na história da civilização como palco de grandes transformações sociais. A expansão do feudalismo nessa época trouxe consigo uma paz desconhecida até aquele momento na Europa Ocidental. Os homens – após um longo período de vida errante, entremeados por lutas, guerras e conflitos internos e externos – deixam de ser nômades para fixarem raízes, constituírem

família, desenvolverem outras habilidades diferentes daquelas requeridas pela vida bárbara que levavam no dorso de um cavalo.

### **Capítulo III**

#### **Elementos humanísticos na Correspondência de Abelardo e Heloísa**

Não é de agora que se defende a tese de que no período medieval é possível se verificar certo tipo de humanismo. Para saber em que consistiria este humanismo é necessário alguns conhecimentos prévios do que foi o progresso geral das ideias no mundo cristão, entre o século IX e início do século XIV.

Segundo Gilson, a forma particular de humanismo que foi praticado na Idade Média é, sobretudo, o humanismo moral, o que dessa forma levou os pensadores cristãos a consultar os Antigos<sup>14</sup>, para compreender o que é o homem. Os medievais necessitavam deles e principalmente porque, como cristãos, colocavam a preocupação em torno da salvação no centro de tudo e lhes faltava conhecimento dessa natureza que carecia salvar<sup>15</sup>.

A correspondência de Abelardo e Heloísa, além de retratar o romance entre os dois, parece apresentar elementos singulares para uma compreensão mais apurada acerca do tipo de humanismo que foi praticado na Idade Média, pois ao mesmo tempo

---

<sup>14</sup> Por “Antigos” entenda-se toda a filosofia grega, sobretudo Platão e Aristóteles, mas também o estoicismo, o epicurismo, neoplatonismo e ceticismo.

<sup>15</sup> GILSON, 1935, p. 229-230.



em que é apresentado o amor entre os dois, trava-se uma discussão sobre os vícios e as virtudes humanas por meio das categorias filosóficas oriundas da antiguidade.

Abelardo e Heloísa foram destinados a amar um ao outro, um amor que surgiu em meio aos conflitos daquele século e ao qual se dedicaram sem nenhuma ideia do que viria a acontecer. Dessa forma, na troca epistolar dos amantes, pode-se observar que nela consta vários elementos que denotam a existência de certo tipo de humanismo, ou seja, nas cartas observa-se a preocupação dos autores com temas relativos à vida moral (como a condenação, a salvação, a condenação, o amor, o pecado, a vida eterna, a miséria da condição humana, entre outros).

Abelardo, em suas cartas destinadas à Heloísa e em algumas passagens de seus escritos, mostrava-se apaixonado pela beleza dos textos antigos, os quais tomava como regra de vida. Dessa forma, nutria admiração pelo enigmático pensamento de Platão bem como pela instrução contida na lógica de Aristóteles, tanto que tomou emprestado o “Conhece-te a ti mesmo” de Sócrates como título e regra de sua *Ethica*. Em Abelardo observa-se a imagem de um poeta sensível à beleza das coisas, ao esplendor da fé, à miséria da nossa condição humana, às alegrias amargas do amor.

A história de Abelardo e Heloísa é conhecida como uma das mais belas histórias de amor, contada por meio de cartas que são verdadeiras preciosidades literárias, e que geraram profundas reflexões filosóficas sobre a temática.

### **Amor ao saber: a filosofia como modo de vida**

Na troca epistolar dos amantes, nota-se várias formas de expressão do amor: o amor erótico, amor à sabedoria, amor à Deus, o amor *philia* (amizade). Inicialmente, observa-se o amor de Abelardo pela sabedoria, por exemplo quando afirma que abandonou a corte de Marte para se recolher no regaço de Minerva e preferiu a dialética

e seu arsenal em detrimento das armas de guerra<sup>16</sup>. Em seguida, tem-se a figura de uma jovem, sobrinha do cônego Fulberto, que de acordo com o próprio Abelardo, ela era bastante bonita e a extensão de sua cultura e o seu amor pelo saber tornava-a uma mulher excepcional. Apaixonaram-se porque eram jovens e belos, mas, sobretudo, porque juntos amavam a sabedoria e buscavam-na acima de tudo, tanto que esse amor pelo saber prevaleceu sobre o profundo sentimento que os unia.

Abelardo era um ambicioso jovem, talentoso e ansioso por conquistar seu lugar como mestre e senhor incontestável das Escolas de Paris. Após superar as resistências que seus predecessores lhe opuseram, ascendeu e triunfou sobre seus rivais, tornando-se regente das escolas de Paris, nas quais ensinava com tal sucesso ao ponto de admirável aglomeração de alunos se formar ao redor de sua cátedra para ouvir seus ensinamentos.

O extraordinário sucesso de Abelardo causou, como efeito imediato, a exasperação do orgulho do qual ele jamais fora privado “Eu acreditava que no mundo não havia nenhum outro filósofo além de mim”.<sup>17</sup> Consequentemente, com o orgulho e o dinheiro devia vir naturalmente a luxúria. Após quatro ou cinco anos de um triunfo sem precedentes (1113/4-1118), a tentação se oferece e Abelardo não tarda a ceder a ela. “O que trouxe tua ruína foi o amor das mulheres e esses elos de libertinagem nos quais elas te enlaçaram”<sup>18</sup>.

É, sobretudo, quando nos deparamos com o problema do casamento secreto, entre Abelardo e Heloísa, quando este por sua vez procura desculpar-se com o tio da moça por ter tido com ela um envolvimento ilícito, que observamos a preocupação dos amantes com a vida moral no que diz respeito ao amor ao saber.

Heloísa contesta a Abelardo alegando que um filósofo nascido para o mundo inteiro, um clérigo que pertence à igreja, não tem o direito de se envolver nos laços do

---

<sup>16</sup> ABELARDO, 2000, p.30

<sup>17</sup> ABELARDO, 2000, p. 38

<sup>18</sup> RÉMUSAT, *Abélard*. IN: GILSON, 2007, p. 30.

matrimônio<sup>19</sup>. Essa é a argumentação de Heloísa e é também a vergonha que Abelardo, por falta de coragem para evitá-la, tenta dissimular.

Está fortemente presente nas cartas, e principalmente nas reflexões que conduzem os amantes, a imagem de São Jerônimo. Abelardo refere-se a São Jerônimo como o maior homem entre os grandes, o mestre entre os mestres, aquele cuja estatura é a medida de toda altura e de toda baixeza. O sentido dos argumentos de Heloísa trata-se de saber, na ordem da grandeza espiritual, se desposando Abelardo ele aceitará desclassificar-se.

Uma vez que Heloísa conseguisse dissuadir Abelardo, ele ainda seria livre, e com isso poderia tornar-se, se não um São Jerônimo, pelo menos um Sêneca; e casando-se iria excluir-se da companhia dos heróis da vida espiritual, e toda esperança de retorno daí em diante lhe seria proibida.

Concebe-se que Abelardo e Heloísa tenham meditado bastante sobre o longo fragmento do Tratado de Teofrasto, *De nuptiis*, que São Jerônimo traduziu, o qual tratava sobre a seguinte questão: o sábio deve casar-se? E a resposta é: não. Teofrasto levanta a tese de que é raro que todas as condições necessárias para um bom casamento estejam reunidas, e mesmo quando elas estão, é preferível abster-se. Por quê? Porque uma mulher impede que se dedique à filosofia e porque é impossível servir ao mesmo tempo dois senhores: sua mulher e seus livros.

Em suma, o que Teofrasto aconselha ao filósofo é que em vez de tomar uma mulher, é melhor ter um bom criado<sup>20</sup>. Heloísa acolhe também o exemplo que Jerônimo apresenta a respeito de Cícero, este que o chama em socorro de Sêneca e Teofrasto, pois após Cícero ter repudiado Terência, seu amigo Hirtius lhe propôs casar-se com sua

---

<sup>19</sup> HELOÍSA, 2000, p. 98.

<sup>20</sup> *Adversus Jovinianum*, I, 48; col.291. IN: GILSON, 2007, p. 53.

irmã, mas Cícero recusou a oferta, sob o pretexto de não poder ocupar-se ao mesmo tempo de uma mulher e da filosofia.

A grande autoridade do pai da igreja garantia, no espírito de Heloísa, o ideal de filósofo continente, e Abelardo comungava com ela desse mesmo ideal. Abelardo podia ler os textos de Sêneca em que o estoicismo filosófico aliava-se naturalmente às prescrições da moral cristã. Para Abelardo, Sêneca permanecerá sempre “esse iminente da pobreza e da continência, o supremo educador moral entre todos os filósofos”, cuja vida exemplar fora louvada por Jerônimo.<sup>21</sup>

Em suma, a imagem que Abelardo concebera de Sêneca, tanto ao ler São Jerônimo como ao ler o próprio Sêneca, representava-o como o Moralista por excelência: a antiguidade pagã se erguia diante de Abelardo sob o olhar aprovador do maior dos pais da igreja, esse modelo do doutor da lei natural, em quem a grandeza filosófica estava inseparavelmente ligada à continência dos hábitos. Heloísa tinha consciência de que tocaria vivamente Abelardo quando opusesse ao seu projeto de casamento as ideias de Sêneca no texto das *Cartas a Lucílio*:

Não é somente quando dispões de tempo que é preciso filosofar; é necessário negligenciar todo o resto para te consagraste a isso, pois tempo algum é suficientemente longo para tal estudo... Interromper a filosofia é quase a mesma coisa que não filosofar, pois, a partir do momento em que se a interrompe, ela se desvanece... É necessário, portanto, resistir às ocupações e, em vez de aumentá-las, livrar-se delas.<sup>22</sup>

Heloísa concluía então que isso que se impõem por amor a Deus àqueles que merecem verdadeiramente o nome de monges, os filósofos ilustres da antiguidade se impuseram por amor à filosofia. O que Heloísa queria para o homem que amava era, portanto, um modo de vida que fosse digno de sua grandeza filosófica.

---

<sup>21</sup> ABELARDO, 2000, p.141.

<sup>22</sup> SÊNECA, *Ad Lucilium, Epistola 72*. IN: GILSON, 2007, p. 55.

O maior dos apóstolos concorda com o maior dos moralistas. Enquanto Sêneca ensina que o verdadeiro filósofo não cessa jamais de filosofar, São Paulo ensina que o verdadeiro cristão não cessa um instante de orar. Afirma Sêneca: “[...] se quer filosofar permanece livre de tudo o que não é filosofia. Se deves amar, ama a razão.”<sup>23</sup> És cristão, acrescenta São Paulo, permanece livre de tudo aquilo que poderia interromper tua oração. Adverte, ainda, para evitar o casamento, justificando que não que o casamento seja condenável em si, mas é semelhante a um impedimento à perfeita continuidade da vida cristã. “Aquele que não é casado cuida das coisas do Senhor; aquele que é casado cuida das coisas do mundo, ele procura agradar sua mulher e fica dividido (I Corint., VII, 32-33). Os ensinamentos de São Paulo estão na base de todas as argumentações de São Jerônimo sobre a incompatibilidade do estado matrimonial com um estado de vida cristã perfeita.

A partir disso é possível perguntar: se o que São Paulo diz é verdade - que é necessário orar sempre - como os esposos o farão? A própria essência do estado matrimonial se contrapõe a isso, pois no sentido estrito, cada um dos cônjuges tem direitos sobre o corpo do outro, eles pertencem um ao outro. Quem se casa transfere para o outro, portanto, sua liberdade: “Que o marido dê à sua mulher aquilo que lhe deve, e que a mulher aja do mesmo modo com seu marido. [...] Semelhantemente, o marido não tem poder sobre o próprio corpo, mas a mulher (*I Corint.*, VII, 3-4 ). É, portanto, da essência do matrimônio a perda de liberdade pessoal, de modo que era esse o poder definitivo que Abelardo daria a Heloísa, e conseqüentemente daria a sua vida de filósofo se a desposasse.

---

<sup>23</sup> SÊNECA, *Ad Lucilium, Epistola*, 74. IN: GILSON, 2007, p. 56.

Esse raciocínio fundado nos deveres mútuos que o sacramento confere aos esposos, São Jerônimo o resumiu nesta fórmula: ou orar sempre, e permanecer virgem, ou se submeter ao casamento e perder a liberdade de orar.

O que Heloísa não deixou de afirmar é que o casamento seria para Abelardo uma desonra e uma fonte de dificuldades incessantemente renascentes: ela alegava, ao mesmo tempo, sua desonra e as dificuldades do casamento<sup>24</sup>, o qual seria ao mesmo tempo infamante e vexatório; seria, enfim, uma vergonha para Abelardo e uma vergonha que também atingiria Heloísa, já que pelo seu consentimento ela o consumaria.

O drama íntimo que tomava Abelardo, desde que seduzira Heloísa, era motivado pela dilacerante oposição que sofria entre aquilo que era sua vida e o que fizera sua grandeza: “quanto mais eu progredia em filosofia e em teologia, mais me afastava pela impureza de minha vida, dos filósofos e dos teólogos.”<sup>25</sup> Esse problema culminava, para Abelardo, em ter de escolher entre dois estados: um superior, o de clérigo, e um inferior, de homem casado. No *Corpus juris*, atribuído a São Jerônimo, o clérigo devia se dedicar inteiramente ao serviço divino, à contemplação e à oração; o clérigo devia, portanto, afastar-se de todo ruído das coisas temporais<sup>26</sup>. “Tanto para Heloísa quanto para Abelardo é preciso escolher entre ser mestre de si mesmo ou viver na servidão; entre praticar a continência para ter direito a se dedicar a filosofia como homem livre, ou renunciar a ela e não mais ensinar um ideal que se confessa incapaz de pôr em prática”<sup>27</sup>. Heloísa aconselhava Abelardo a praticar aquilo que ele mesmo ensinava, e ao exortá-lo lhe dizia para não ser responsável por sua própria decadência e não torná-la sua cúmplice, ela apelava para o que havia, tanto nela como nele, de mais profundo e

---

<sup>24</sup> ABELARDO, 2000, p.47

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*, p. 38

<sup>26</sup> *Corpus juris, Decret.*, P. II, causa 12, q.1. IN: GILSON, 2007, p. 60.

<sup>27</sup> GILSON, 2007, p.61

mais poderoso: o sentido de sua verdadeira real grandeza, e daquilo que justificava sua glória perante aos olhos do mundo inteiro e da igreja.

Abelardo, na condição de clérigo e cônego, podia casar-se desde que abdicasse ao canonicato. Por outro lado, Abelardo desejava intensamente esse casamento, por razões fáceis de imaginar. Abelardo ocupava a função suprema de chefe das escolas de Paris e isso fazia questão de conservar; mas ele não podia suportar a ideia de estar separado de Heloísa: “Abelardo amava doravante Heloísa, com um amor exclusivo e ciumento, que lhe tornava insuportável a ideia de que ela pudesse algum dia pertencer a outro.”<sup>28</sup>

Confidenciando uma paixão ardente e profunda, que o unia para sempre a Heloísa, Abelardo - que no início do romance demonstrava-se frio e havia empreendido seu plano em seduzir Heloísa apenas para satisfação de sua luxúria – tornara-se um homem com sentimento violentamente carnal, e esta foi a causa de todas as suas desgraças. Abelardo amava Heloísa e a queria somente para si e o único meio pelo qual podia unir-se a ela para sempre era desposá-la.

### **O amor *philia* (amizade)**

A decisão de Abelardo em desposar Heloísa parecia inútil a ela, pois jamais acreditou que assim se poderia acalmar seu tio Fulberto. Ao contrário, Heloísa tinha consciência, pois ela temia por ambos, das consequências do equívoco em que eles iriam se envolver. O matrimônio seria desonroso para Abelardo, em nome dos princípios que invocou na tentativa de dissuadir Abelardo da ideia do casamento, mas não seria menos desonroso para ela, por que ao desposar Abelardo, aos olhos do mundo, ela cometeria um erro. Afinal, ela queria para ele a verdadeira grandeza, não apenas sua

---

<sup>28</sup> GILSON, 2007, p.63

aparência. A partir do momento em que se tornar sua mulher, Heloísa não poderá jamais estar segura de não ser considerada cúmplice da decadência de Abelardo.

Percebe-se nas cartas que não se encontra em Abelardo mais que um frio cálculo a serviço de uma luxúria incontrolada; porém, depois ele é tomado por uma forte paixão pela qual se dispõe a degradar-se filosoficamente. Da parte de Heloísa, porém, desde o início sua rendição foi total a Abelardo.

Abelardo, até o dia de sua mutilação, jamais se deixou reprimir por qualquer tipo de escrúpulo. Vemos na seguinte confissão de Abelardo o descontrole de sua volúpia e o quanto era brutal a ponto de recorrer à força para se satisfazer:

Tu sabes a quais torpezas minha paixão desmedida consagrara nossos corpos. Nem o respeito pela decência, nem por Deus, mesmo nos dias da Paixão do Senhor ou das maiores solenidades, me retinham de rolar nessa lama. Às vezes não querias, resistias com todas as tuas forças e tentava me dissuadir; mas eras naturalmente a mais fraca, e eu frequentemente arranquei teu consentimento por meio de ameaças e golpes. Tinha por ti um desejo tão ardente, que fazia essas miseráveis volúpias, que não poderíamos nomear sem vergonha, passarem à frente de Deus e de mim.<sup>29</sup>

Quando se tratava do casamento secreto, Abelardo agia apenas por vaidade e só pensava em sua reputação, enquanto Heloísa pensava na grandeza de Abelardo e queria somente a glória dele. Esse casamento público ou secreto degradava Abelardo, tanto aos seus próprios olhos, quanto aos de Heloísa agia conforme sua razão, e dessa forma era exigido dela que oferecesse uma completa separação e não somente sua recusa pelo casamento.

[...] enquanto Abelardo estava disposto a sacrificar realmente sua honra de clérigo e de filósofo, contanto que sua vaidade perpetuasse o simulacro, Heloísa estava disposta a sacrificar até as alegrias da paixão se a verdadeira glória de Abelardo assim o exigisse. Não lhe bastava que Abelardo parecesse grande, ela queria que ele o fosse; ela o queria para ele, e para ela, pois sua própria grandeza dependia daquela do homem que amava, e que só poderia diminuir ao desposá-lo.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> ABELARDO, 2000, p. 73.

<sup>30</sup> GILSON, 2007, p.81.



O verdadeiro sentimento de amor que Heloísa nutria por Abelardo era demonstrado e se escondia no fundo das objeções dela contra todo o projeto de casamento, afinal sua felicidade dependia do homem que amava. É esse sentido da verdadeira glória de Abelardo que, frequentemente, inspirava à Heloísa a coragem de se recusar àquele que ela amava e que, sobretudo, dava-lhe força de propor uma separação definitiva dele. “Ela não pode ser nem a mulher nem a amante de tal homem, por que o ama”<sup>31</sup>. Longe de aceitar o casamento como uma reparação que cometera contra a moral, Heloísa o repele com horror, vendo tal matrimônio como a sanção definitiva daquilo que cometera contra o ideal de clérigo e filósofo do homem que amava.

Heloísa tinha um amor tão grande por Abelardo que previa o que poderia vir a acontecer, caso permanecesse segura em sua decisão de não desposar Abelardo. Com a ausência do matrimônio, ele poderia se recompor e reencontrar sua grandeza de filósofo e teólogo, porque a separação de ambos permaneceria possível. Casada com Abelardo, que só a desposaria por paixão carnal, ela não poderia protegê-lo contra ele próprio, já que dessa maneira teria perdido o direito de se recusar a ele. “Só o pensamento de decadência que ameaça o homem cuja grandeza ela ama, e de que a própria paixão que ela lhe inspira o leva à ruína”<sup>32</sup>. Heloísa vivenciou uma estranha situação, quando pareceu que nada dissuadiria Abelardo de desposá-la. Note-se que ela se viu diante de duas morais contraditórias, a do vulgo e a dos heróis da vida espiritual, esse que ela se sentia no dever de não deixá-lo renunciar, e se possível reconduzi-lo a tal caminho.

Abelardo estava a ponto de aceitar sua própria decadência, mas Heloísa não podia aceitá-la nem por ela própria, nem por ele. Já que Abelardo não podia mais viver sem Heloísa, aceitar o casamento como um remédio à incontinência teria sido um dever estrito, se se tratasse de qualquer outro homem que não fosse um filósofo e um clérigo como ele”.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> GILSON, 2000, p.82.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p.82

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p.84.

Na realidade o que queria Abelardo era Heloísa e não o casamento.

Assim, por um sofisma complementar ao de Abelardo, enquanto ele esperava de um casamento secreto a satisfação de sua paixão e um simulacro de glória, Heloísa recusava o casamento para salvar a sua própria substância dessa glória, porém oferecia em troca a fornicção.<sup>34</sup>

Ao exigir o segredo do casamento, Abelardo se tornava incapaz de se manter no mesmo nível dos doutores que admirava e dos sábios cujas lembranças o preocupavam constantemente. Ele devia ter admitido publicamente, ao invés de exigir um segredo que a partir daquele momento fundaria sua vida em uma mentira.

Como a própria Heloísa previa as consequências desse casamento, esse projeto parecia ameaçar a glória de Abelardo e sua vida também. “Do ponto de vista de Heloísa, não somente Abelardo nada tinha a ganhar com a realização desse projeto, mas ela própria tinha muito a perder”.<sup>35</sup> Na opinião pública, talvez seria Fulberto o maior beneficiado com esse matrimônio, mas na verdade seria principalmente Heloísa, e essa era uma das razões que queria evitar a todo custo, sobretudo não era verdadeiro, sabendo que a grandeza de Abelardo exigia o celibato e ela mesma estava disposta a esse sacrifício. Abelardo estava cego pela luxúria e só queria o casamento para satisfazê-lo. Não era justo, portanto, que Heloísa se tornasse a responsável por tal situação.

Essa era, no entanto, a menor das contestações de Heloísa, pois se tratava, principalmente, para ela, do seu amor, ou seja, de toda a sua vida que seria publicamente aviltada pelo projeto insano de Abelardo. Heloísa encontrava-se nesse ponto em uma miséria moral, que só conservava apenas um orgulho: o desse amor. “Se fosse preciso, ela seria sua amante, mas, censurando-a ou louvando-a, ninguém poderia

---

<sup>34</sup> GILSON, 2007, p.84.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, p.86.

acusá-la de ter vendido aquilo que ela queria dar.”<sup>36</sup> Heloísa confessa um amor tão supremo a Abelardo, a ponto de lhe propor que fosse sua meretriz ou sua concubina, ao invés de ser tomada como esposa, o que degradaria a reputação do homem a quem tanto amava.

Jamais, Deus o sabe, eu procurei em ti algo além de ti; Não são os laços do casamento, nem um benefício qualquer que eu esperava, e não são nem minhas vontades, nem minhas volúpias, mas, e tu bem o sabes, as tuas, que eu fiz questão de satisfazer. Certamente, o nome de esposa parece mais sagrado e mais forte, porém sempre preferi o de amante, ou, se me perdoares por dizê-lo, o de concubina e de prostituta. Pois, quanto mais me humilhava por ti, mais esperava encontrar graça junto a ti e, humilhando-me assim, não ofuscar em nada o esplendor de tua glória.<sup>37</sup>

Esse amor demonstrado por Heloísa tem sua essência, e aos olhos dela o faz ter sua verdadeira grandeza, porque sempre foi absoluta e completamente desinteressado. Tal sentimento unia-se no espírito de Heloísa junto a uma doutrina que, sem dúvida, por interposição de Abelardo, vinha de Cícero. O ensino de Cícero, sobre a natureza essencialmente desinteressada da amizade, *De amicitia*, tocava vivamente os espíritos nobres do século XII. “Cícero os convencera de que todo fruto do amor verdadeiro se encontra no próprio amor<sup>38</sup>”. A única correção expressiva que Abelardo fornece à doutrina do modelo de Cícero é a indulgência que concede àqueles que fazem o mal para agradar a seu amigo; pois ele mantém o princípio, mas não sem escusar o culpado: Ceder à súplica de um amigo cujo pedido é desonesto, é sair do caminho reto da amizade; entretanto, aquele cujas instâncias obrigam o outro a fazê-lo, peca mais gravemente que aquele que, vencido por suas súplicas, acaba por consentir nelas.

Enquanto nasce de uma exigência absoluta de amor puro, existe o fato de que a revolta de Heloísa contra o casamento baseia-se nos ensinamentos de Cícero, no *De*

---

<sup>36</sup> GILSON, 2007, p.82.

<sup>37</sup> HELOÍSA, 2000, p.95.

<sup>38</sup> GILSON, 2007, p.88.

*amicitia*, cuja doutrina a esse respeito ela aceitava. Essa era a moral do casal, a que possivelmente Abelardo instruiu Heloísa, mas que somente ela soube colocar em prática.

Heloísa nesse caminho via-se numa situação um tanto que difícil, pois sabia que todos os valores recebidos sofreriam uma transformação total. Vencida por Abelardo e este tendo sua vontade imposta a Heloísa, o que para ela tal decisão significava sua perda, já que com isso Abelardo perdia sua glória: ele ao se excluir do estado de continência, e ela por ser cúmplice dessa exclusão e dando forma a uma aparência de um frio cálculo ao amor que era puramente desinteressado.

Heloísa não tem testemunha para o seu amor puro por Abelardo, pois somente ele pode certificar-se dos sentimentos dos quais somente ele foi o objeto<sup>39</sup>”. Para Heloísa, o juiz que penetra no mais íntimo pensamento não era Deus e sim Abelardo, vale ressaltar aqui, que ao escrever cartas para o seu amado, é a onipresença de Abelardo que sobrecarrega suas cartas, e Deus é totalmente ausente delas.

Heloísa escreveu a Abelardo uma longa carta, justificando a pureza do seu amor e seu perfeito desinteresse, seu amor contrastando com o de Abelardo. No momento em que escreveu tal carta ela estava magoada com Abelardo por este tê-la abandonado. Cheia de ciúmes por ele ter escrito a outra pessoa (um amigo anônimo) e não à ela, a história de suas desgraças. Apesar de estarem separados um do outro pelas desgraças que os acometera, a abadessa ainda o amava e mais do que tudo, pois nela nada mudara. No momento que Heloísa não podia esperar mais nada de Abelardo, nem como amante nem como mulher, ela concluiu que mesmo no tempo em que ambos desfrutavam de suas luxúrias, e depois tornou-se sua mulher, já o amava a ponto de não esperar coisa alguma dele. “(...) não são os meus prazeres que eu procurei, mas os teus.<sup>40</sup>”. Mesmo

---

<sup>39</sup> HELOÍSA, 2000, p.118.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p.95.

após a castração de Abelardo, e estando consciente que as volúpias, das quais se deliciara outrora, lhes seriam para sempre proibidas, ela, no entanto, continuara amando-o profundamente. O amor *philia* parece manifestar-se nesse desapego de Heloísa às vontades pessoais para somente viver pelo amor a Abelardo.

### **Amor a Deus: a busca pela salvação**

Após a entrada de Abelardo para a vida monástica, assumiu ele um espírito totalmente diverso daquele que tinha quando conhecera Heloísa: Sabe-se pela própria declaração dele, que quando entrou para a vida monástica, não foi a vocação religiosa que pesou seriamente sobre sua decisão. Ele não obedecia então nem ao apelo de Deus, nem a alguma exigência de Heloísa; ele queria esconder sua vergonha, e isto era praticamente tudo.<sup>41</sup> A decisão de Abelardo em ingressar na vida monástica e a intenção de Heloísa de fazer o mesmo, diferem bastante. A abadessa do Paraclete, mesmo após doze anos, não aceitava o golpe com que Deus a atingiu, e sua entrada para religião não foi nada além de uma obediência apaixonada às ordens de Abelardo. Da parte de Abelardo, é exatamente o contrário, pois a aceitação do castigo que Deus lhe impôs é imediata. Ele provavelmente lamentou sua desonra e glória perdida, mas o sentimento de reparar a falta cometida e a aceitação da vontade divina o impulsionaram a consagrar-se a Deus. Por um justo julgamento de Deus, fui punido na parte do meu corpo por onde pecara<sup>42</sup>. A consciência sincera deste homem aceita a justiça do castigo que o abateu, tanto que reconheceu publicamente que também pecara contra Fulberto, “esse homem que sempre lhe pareceu detestável e ridículo.”<sup>43</sup> O princípio de toda a vida religiosa de Abelardo, o ponto de partida e o ponto de apoio do progresso espiritual que

---

<sup>41</sup> GILSON, 2007, p 119.

<sup>42</sup> ABELARDO, 2000, p.51

<sup>43</sup> GILSON, 2007, p.98.

ele realizaria, foi essa submissão sem reservas ao julgamento divino. Logo que Abelardo foi sagrado monge, ele o assume completamente; “ele será mais monge do que qualquer outro monge; enfim, ele o será da única maneira pela qual podia ser alguma coisa, sem compromissos, sem medida, com a energia violenta de uma vontade que resiste ao desespero.”<sup>44</sup>

Essa dedicação aos serviços divinos foi a causa das novas séries de desgraças que atingiram Abelardo. “Deus o atingiu-o apenas para libertá-lo do agulhão da carne e torná-lo livre para dedicar-se aos trabalhos de espírito.”<sup>45</sup> Abelardo, na tentativa de evitar que os outros decaíssem, começa, então, por querer reformar os costumes dos monges de Saint-Denys, e até os de seus abades, à medida que os repreendia, às vezes em público, às vezes em particular. Logo ele se tornou excessivamente odioso a todo mundo.

São Jerônimo, Cícero, Sêneca foram sucessivamente invocados por Abelardo para apoiar sua tese que dizia que o estado de perfeição religiosa, próprio à vida monástica, prevalece sobre as dignidades mais altas do clero secular, tanto quanto a vida ativa, “[...] mas é de admirar que esse defensor apaixonado da continência monástica pudesse esquecer tão completamente quanto ela se tornara fácil e retirar tanta glória de uma perfeição que lhe custava doravante tão pouco. Tal intransigência no ideal de vida religiosa, por parte de um monge cuja vocação permanecia suspeita, seguramente não era propícia a lhe atrair simpatias.”<sup>46</sup>

Em meio às decisões que rondaram a mente de Abelardo, nada poderia impedi-lo de, após algum tempo, retomar seus ensinamentos de filosofia e de teologia. “Se ele deve tornar-se um monge professor, seu modelo é imediatamente escolhido: será Orígenes, o maior dos filósofos cristãos, e cuja grandeza não assusta a sua. Graças a sua

---

<sup>44</sup> GILSON, 2007, p. 99.

<sup>45</sup> GILSON, 2007, p.99.

<sup>46</sup> GILSON, 2007, p.100.

mutilação, voluntária ou sofrida, ambos estão livres das paixões da carne; como Orígenes ainda, Abelardo é um teólogo de raça; sustentado por essa dupla certeza, Abelardo vai então se transformar, de filósofo secular que ele fora, em filósofo de Deus (...)”<sup>47</sup>. Tanto monge quanto teólogo, Abelardo tinha o mesmo ideal, isso porque essas duas condições estavam intimamente ligadas à verdadeira grandeza cristã, que é a santidade. Heloísa, por sua vez, aceitou seu ingresso para a vida religiosa por amor a Abelardo, e esta foi uma das grandes surpresas dela, encontrar um Abelardo tão diferente daquele que conhecera, inclinado inteiramente ao amor a Deus.

Dedicado como estava para a prática cristã, Abelardo fez o que pode para conduzir Heloísa a ela. Na coletânea das cartas trocadas entre eles, Abelardo apresenta-se com pavor quando descobre que a abadessa do Paraclete continua a ser a Heloísa que ele conheceu no mundo; a partir de então todos os seus esforços serão no sentido de obter dessa religiosa exemplar a verdadeira consagração a qual ela se recusava.<sup>48</sup>

Abelardo passa a demonstrar atitude fraterna em relação à Heloísa. Na sua primeira resposta a Heloísa, Abelardo usa as expressões: “À Heloísa, sua bem-amada irmã em Cristo, Abelardo, seu irmão n’ Ele [...]. Irmã que me foi querida no século, no presente, muito querida em Cristo.”<sup>49</sup> Heloísa lembra-lhe com indignação que ela é sua mulher, e que sua paixão por ele não está morta. Abelardo, por sua vez, responde-lhe que não cansará de mostrar-lhe que o amor que ora nutria por ela, assim como o que ela também deveria ter por ele, deveria ser de outra espécie completamente diferente da qual sentiram no passado.

Heloísa solicitava de Abelardo um amor puro e desinteressado. Abelardo, porém, responde-lhe, então, se é amor puro que ela deseja, onde ela espera encontrá-lo mais puro do que o de Jesus Cristo, morto na cruz para salvá-la? E com relação ao amor

---

<sup>47</sup> GILSON, 2007, p. 100,101.

<sup>48</sup> ABELARDO, 2000, p.100

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, p.101

desinteressado, ele a orienta que só poderá encontrar dentro de si mesma, e acrescenta perguntando-lhe por que ela não se volta para o Criador do mundo que nada esperando dela nem de pessoa alguma, sofreu por amor a ela o mais horrível dos suplícios. Heloísa acusa Abelardo de jamais tê-la amado sinceramente, ele diz que é justamente por isso que ela deveria afastar-se dele para voltar-se para Deus, o único que a amou verdadeiramente.<sup>50</sup> Heloísa mostrava-se revoltada contra esse Deus ao qual Abelardo insistia em conduzi-la. A abadessa não aceitava de forma alguma o castigo com o qual Deus os afligira.

Apesar dessa persistência de Heloísa, Abelardo sabia que dissuadi-la de tais ideias era proporcionar a salvação dela neste mundo e no espiritual, e enquanto existisse possibilidade de que ela não fosse incorrigível, era preciso ajudá-la a se corrigir. “Cristo é de Heloísa, já que ela se tornou sua esposa, mas Abelardo também é de Heloísa, já que eles são um só pelo casamento.”<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> ABELARDO, 2000, p.142.

<sup>51</sup> GILSON, 2007, p. 114.



## CONCLUSÃO

Cumprindo com o objetivo principal mencionado na introdução – investigar o sentido do humanismo medieval – e após a análise de textos que serviram de base para o desenvolvimento deste trabalho, podemos concluir que o tipo de Humanismo praticado no século XII não se trata do Humanismo Renascentista praticado no século XVI, segundo o qual o homem era o centro de toda a ciência (antropocentrismo). Oposto a isso, observa-se que essa época viveu uma espécie de humanismo moral, pois à medida que se estuda e investiga os elementos teológicos, antropológicos e morais presentes nas cartas de Abelardo e Heloísa, adentra-se no interior da problemática própria do período e a qual estes pensadores que viveram intensamente.

A vivência da virtude, do vício, da amizade e do amor nas suas mais diversas manifestações, proporcionou a Abelardo e Heloísa refletir filosoficamente sobre a pergunta acerca de quem é o homem, ou seja, qual a essência humana e como esta se coloca com relação ao ser divino. Conhecer-se a si mesmo para tais pensadores representava entender o lugar do homem no contexto da criação.

Assim, nesse sentido, pode-se também afirmar de um ‘Renascimento’ no século XII, pois este termo indica nascimento espiritual ou nascimento de um novo homem que se volta a Deus. Verificam-se nas cartas de Abelardo e Heloísa os elementos que denotam essa mudança na compreensão acerca do ser humano, uma vez que se observa

a preocupação dos autores com os temas relativos à vida moral, como o amor, a salvação, a condenação, o pecado, a vida eterna.

As fontes historiográficas nos colocaram frente ao contexto social do século XII, permitindo-nos entender que os valores, os costumes, a forma de comportamento e o próprio pensamento das pessoas estavam mudando na época de Abelardo e Heloísa, porque a sociedade, em meio a transformações sociais e econômicas, estava também sofrendo transformações que influenciavam a educação e a cultura, possibilitando um novo modo de pensar e as questões morais.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Vol. V. Tradução de Nuno Valadas e Antonio Ramos Rosa. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA. Texto apresentado por Paul Zumthor; tradução Lúcia Santana Martins. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GILSON, Étienne. **Heloísa e Abelardo**. Tradução Henrique Ré. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Philosophie Médiévale et Humanisme. Communication faite le 24 avril 1935, au Congrès Guillaume Budé, Nice. IN: GILSON, Etienne. **Héloïse et Abélard**. Études sur le Moyen Age et L'Humanisme. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1938.

MEIRINHOS, J. **A Filosofia no Século XII**: renascimento, resistências, continuidade e renovação. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/mirand9/meirin.htm> Acesso em 24 de setembro de 2011.

ZUMTHOR, Paul. Prefácio a Abelardo e Heloísa. IN: CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA. (Trad.) Luciana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

## CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2011	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2012	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
01	-Pesquisa bibliográfica: leitura e fichamento da principal obra.	X	X	X	X	X							
02	-Leitura e fichamento dos textos de apoio.					X	X						
03	- Redação dos primeiros textos;  -Elaboração do Relatório Parcial.			X	X	X							
04	-Apresentação oral parcial.				X								
05	-Continuação da construção do texto.					X	X	X		X			
06	-Revisão de textos;  -Elaboração do Resumo e Relatório Final.										X	X	
07	-Preparação da Apresentação Final para o Congresso.												X

**X** – Atividades executadas

**X** – Atividades a executar